

Influências de um certo Marx na cultura brasileira



O professor Antonio Albino Canelas Rubin ensina, hoje, 'Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil', na Faculdade de Comunicação



Dois livros serão lançados hoje na Faculdade de Comunicação, um deles mexe com uma ideologia de paisões

Eduar Rodrigues

Dois livros serão lançados hoje na Faculdade de Comunicação da UFBA (Vale do Cineola), a partir das 18h. O primeiro, 'Vieira mostra seu romance Vilipêna de José Antonio Albino Canelas Rubin ensina Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil', pelo Centro Editorial e Didático da UFBA. Este é o segundo livro de Antonio Albino, 41 anos, professor que também ministra cursos de cerca de outras dez

car os intelectuais brasileiros e, conseqüentemente, em suas obras.
F — Como você estabeleceu a período de estudo?
AACB — Quando iniciamos a ideia de minha tese de doutorado, pensei em realizar um estudo a partir dos anos 60. Achava o campo da rebeldia da época, das várias revoluções — algumas mais políticas e outras menos —, do movimento estudantil e do movimento hippie, extremamente fértil. Mas quando fui aos estudos, percebi que a relação entre cultura e esquerda no Brasil não havia nunca sido estudada. Como realizar um trabalho a partir dos anos 60 se não ficaria no passado? Então, decidi começar o trabalho desde a inclusão do pensamento marxista no Brasil, via a fundação e o desenvolvimento do PCBR em 1922.

F — Quais os caminhos que a livro 'Vieira trilhou'?

AACB — As ideias marxistas possuem uma história desde século no Brasil variando

períodos de conhecimento maior e menor. O livro traça uma perspectiva histórica, embora não linear, pois não é isso que pretendo. Desenvolvi respostas a respeito de questões como: por que o marxismo no Brasil teve influência na cultura brasileira? Por que uma série enorme de intelectuais, teve essa influência? Desde Cláudio Prádo Júnior, Jorge Amado, Graciliano Ramos, no cinema o Nelson Pereira dos Santos, na arquitetura Vila Nova Artigas e Neomarx, Portinari e Di Cavalcanti na pintura e Guarnier e Laranjeira no teatro, dentre outros.

F — E a Partido Comunista, entra e aporta nisto?

AACB — O marxismo no Brasil se confunde com o PCBR. Até 1966, quando alguns pequenos grupos trotskistas, com gente como Mário Pedrosa e Antônio Cândido, a maioria do pensamento marxista veio mesmo via Partido Comunista. Isso até 1966, quando o vigésimo congresso do

vético teve as denúncias de Khrushchev a respeito dos crimes de Stalin.
F — De certa forma esse momento de pensamento marxista trouxe algum mal a essa produção cultural brasileira?

AACB — Para não ser maniqueísta, digamos que o Partido Comunista Brasileiro e o marxismo fizeram o bem de abrir nossa cultura às tendências que dizem respeito aos subalternos para serem presentes na produção cultural. Graciliano, com os ensinamentos da seca, Jorge Amado, com seus livros, e Portinari com seus quadros, por exemplo, transformaram as pessoas em público cultural da cultura brasileira. Mas há de outro lado. Todo um controle de aparelho do partido sobre os intelectuais e sobre suas próprias obras culturais, com perseguições e censura em alguns momentos. Foi uma explícita linha de tentativas de manipulação da cultura. Gabriel Cohn, que faz a apresentação do livro, diz que "esta é uma história de paradoxos". Concordo com ele.

F — Por falar nisso, Carlos Nelson Coutinho, que assina o texto da orelha de seu livro, diz identificar um certo pessimismo de sua parte da influência desse pensamento marxista na história da cultura brasileira. Você acha isso?

AACB — Concordo que a relação abre diversas possibilidades. O PCBR, ao controlar e direcionar a cultura no Brasil, também acabou por meter-se em um campo perigoso. Cultura e política são próximas mas não são a mesma coisa. Para mim, o partido limitou as perspectivas, pôde-se Carlos Nelson Coutinho lembra que intelectuais de grande importância no Brasil nasceram exatamente dessa realidade, que considero limitante. Concordo com a importância desses intelectuais, mas o que penso é que outros grandes nomes

também foram impedidos de produzir devido a esse controle do partido.

F — Você foi marxista?

AACB — Tive uma passagem pelo marxismo. É uma experiência importante particularmente pelo compromisso ético com os explorados e o lado-cu-

ral, que é bem paradoxal para estudantes e controla.
F — E o período pós 1956, pós o vigésimo congresso do Partido Comunista Soviético, como é analisado no livro?

AACB — A cultura brasileira pós 1960 mudou. Hoje, o circuito cultural é o que passa pelos mídia. O que abordei no livro são questões que dizem respeito a como os marxistas pensaram essa passagem. Desse a perceberem, pensaram e acompanharam essa transformação. O trabalho não dá conta do contemporâneo, mas de certa forma analisa essas questões tanto como parâmetro o momento dessas passagens e seu período logo posterior.

F — Você diria que o marxismo é bom em essência mas foi mal utilizado na prática?

AACB — Seria fácil afirmar isso. Não acredito nessa ideia. Acho que o pensamento de Marx carrega uma série de conclusões que são autoritárias. O marxismo foi desenvolvido no século XIX e possui os limites das circunstâncias históricas. Marx mesmo disse que "o homem é o homem em suas circunstâncias". E vários elementos que se mostram autoritários na prática estão presentes no teor. O marxismo tem que ser submetido a uma crítica rigorosa, não tão para ser abandonado, mas para se ter com ele uma relação menos religiosa, menos apocalíptica e maniqueísta.

F — Você escreveu um livro que os marxistas não irão gostar.

AACB — Dizia que os mais duros defensores vão se sentir muito atingidos. Mas tenho certeza que o trabalho estará sincronizado com as pessoas de bom senso.

AXÉ BLÁ BLÁ



Banda Spazz: show no Sescarr

Para compositores

O teatro e a paratheatralidade de música contemporânea interessaram, em particular de Al Barão de Música Brasileira Contemporânea em suas ações que estão abertas e poderão ser efetivas através da criação de um movimento de grupos de teatro de música instrumental, música eletrônica e música para multimedios, para a Companhia de Teatro (Pública) Imperial, 16, s/109 - Rio de Janeiro - Fone: (202) 297-6116. A programação é de 24/24. A programação é de 24/24.

Rock na Pastooca

A banda Spazz, formada há dois anos por músicos que se enquadram pelo movimento rockers dos anos 80, é atração de hoje à noite no Sescarr na Bar (Rua da Faculdade, 123). No momento, o grupo passa por um estágio de rock e rhythm and blues dos anos 50 até atuais, sempre em função de apresentações de bandas e conjuntos. O show está marcado para as 22h30.

Cineasta mexicano

Quem está em Salvador é o cineasta mexicano Paul Leduc, conhecido no Brasil pela exibição do filme 'Mito, México insurgente' (1972). O diretor de cinema veio a convite do Grupo Axé, coordenador da Jornada Internacional de Cinema, para proferir palestra sobre a comemoração dos 200 anos de cinema latino-americano, em especial o mexicano. O evento está marcado para as 18h de amanhã, na Faculdade de Comunicação da UFBA. Na oportunidade, será exibido 'Festa indígena' (1964).

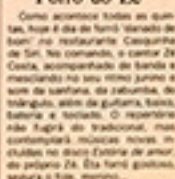
Tom no Mercado



Zé Center no Cinequela de São

O cantor e compositor Tom Zé volta de uma turnê europeia recentemente para a Bahia, mas provavelmente para os restaurantes de São Paulo e Camarão de Odeon (Mercado Modelo), onde se apresenta hoje e amanhã, sempre às 21h. Acompanhado de sua banda, o artista mostra a qualidade de seu trabalho através do qual foi vencedor do prêmio de criatividade do Festival da Cultura de e distinguido como melhor músico brasileiro em uma competição francesa. Em seguida, estará em estudo para gravar novo disco que será lançado na Bahia, onde tudo começou.

Ferrô do Zé



Tom Zé no Mercado Modelo

Como acontece todos os quinze dias, hoje é dia de ferrô 'variado de bem' no restaurante Cinequela de São. No comando, o cantor Zé Costa, acompanhado de banda e músicos no seu novo grupo e som de surfista, de zabumba, de triângulo, sem de guitarra, baixo, bateria e teclado. O repertório não foge do tradicional, mas contemplará músicas novas, em estudos no disco 'Festa de amor de criança 24'. São 15 minutos, segura e feliz, maracá.

Cultura na UFBA

Sessão pública cultural na Universidade Federal da Bahia há tempo há muito, mas pouco há feito. E agora é mais grande. Foi o tempo perdido, a UFBA está propondo agora novamente a diálogo com a comunidade universitária e diversos segmentos no campo da cultura para estimular e privilegiar as atividades culturais para o desenvolvimento. Para começar, hoje, a partir das 18h, na Faculdade de Comunicação, acontece o seminário 'Uma política cultural para a UFBA'. Os temas estão fundamentados...

PLUG

- Um bom bem brasileiro vai estar hoje, a partir das 18h, no Cinequela de São. No comando, o cantor Zé Costa, acompanhado de banda e músicos no seu novo grupo e som de surfista, de zabumba, de triângulo, sem de guitarra, baixo, bateria e teclado. O repertório não foge do tradicional, mas contemplará músicas novas, em estudos no disco 'Festa de amor de criança 24'. São 15 minutos, segura e feliz, maracá.
- Mais uma 'Quinta Musical' se apresenta hoje no Cinequela de São. No comando, o cantor Zé Costa, acompanhado de banda e músicos no seu novo grupo e som de surfista, de zabumba, de triângulo, sem de guitarra, baixo, bateria e teclado. O repertório não foge do tradicional, mas contemplará músicas novas, em estudos no disco 'Festa de amor de criança 24'. São 15 minutos, segura e feliz, maracá.
- Hoje, no espaço Rock Zona (Rua da Faculdade, 123), o grupo Spazz vai fazer a abertura de uma apresentação de bandas e conjuntos. O show está marcado para as 22h30.
- Amanhã, 05 de maio, será realizado o seminário 'Uma política cultural para a UFBA'. Os temas estão fundamentados...